

**BEM-ESTAR ANIMAL NO ZOOLOGICO: estudo de caso do zoológico de Varginha –
Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota**

Amanda dos Santos Ferreira¹
Bruna Colares Alegro Belato¹
Débora Alves Silva¹
Jaqueline Roberta Cardoso Santos¹
Thais Helena Carvalho Correa¹
Elaine Santana Gonçalves²
Matheus Hernandez Leira³
Elizângela Guedes⁴

RESUMO

O confinamento de animais selvagens e silvestres é realizado desde os primórdios, sendo ainda um tema muito discutido acerca da legalidade, da efetiva função e bem-estar dos animais. Este estudo visou levantar as questões éticas envolvidas na manutenção de animais em zoológicos a partir da avaliação das condições dos animais mantidos em cativeiro no Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota no município de Varginha/MG. Para tal, foi conduzida uma pesquisa teórica e exploratória de textos científicos e consultas às informações disponibilizadas durante a visita às dependências da instituição e durante a mesa redonda sobre Zoológicos e seu Papel na Educação Ambiental, realizada no III Congresso Internacional da Rede ACINNET, ocorrido no Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS/MG), em 2017. O zoológico preserva ao máximo os instintos dos animais através da ambientação, enriquecimento ambiental e alimentação. Desta forma, conclui-se que a instituição se empenha em manter o BEA, além de desenvolver ações educativas e técnico-científicas.

Palavras-chave: Zoológico, Animais, Bem-estar animal.

¹Graduandas do curso de Medicina Veterinária do UNIS-MG.

²Mestranda em Reprodução, Sanidade e Bem-estar Animal, UNIFENAS-MG. Email: elainesantanagoncalves@gmail.com

³Doutor em Ciências Veterinárias pela UFLA-Lavras-MG. Email: matheushernandes@uol.com.br

⁴Professora Doutora do curso de Medicina Veterinária do UNIS/Varginha-MG. E-mail: elizangela.guedes@professor.unis.edu.br

**ANIMAL WELFARE IN THE ZOO: a case study of Varginha Zoo - Dr. Mário Frota
Zoobotanical Park**

ABSTRACT

The confinement of wild and untamed animals have been carried out since the beginning, and it is still a very discussed topic about the legality, the effective function and welfare of animals. This study aimed to raise the ethical issues involved in keeping animals in zoos from the evaluation of the conditions of animals kept in captivity in the Zoobotanic Park Dr. Mário Frota in the town of Varginha / MG. To this end, a theoretical and exploratory research of scientific texts and consultations on the information made available during the visit to the institution's facilities and during the round table on Zoos and their Role in Environmental Education, held at the III International Congress of the ACINNET Network, held in Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS / MG), in 2017. The zoo preserves animals' instincts as much as possible through the environment, environmental enrichment and food. Thus, it is concluded that the institution is committed to maintaining the AW, in addition to developing educational and technical-scientific actions.

Keywords: Zoo. Animals. Animal welfare.

1. INTRODUÇÃO

Jardins zoológicos são instituições públicas ou privadas que mantêm animais silvestres e exóticos em cativeiro. É uma atividade que comumente expõe uma imagem de vitrines para uma parcela da sociedade que se torna motivo de muitos debates. Entretanto, nos dias atuais há uma preocupação em tornar estes ambientes um habitat o mais adequado possível, além de modificar as concepções sobre o papel destas instituições.

Ao longo do tempo, os zoológicos cumpriram diferentes papéis. Historicamente, foram criados para albergar espécies exóticas, tendo se originado com os egípcios, os quais capturavam diversas espécies em suas viagens e batalhas mantendo-os em seus templos como símbolo de força e poder. O primeiro zoológico público denominado “*Jardin des Plants*”, foi fundado no século XVIII em Paris, com o objetivo de conter animais oriundos de apreensões em circos e eventos. Em 1826, foi inaugurado o Zoológico da Sociedade de Londres que iniciou função didática e científica dos zoológicos (FISCHER et al., 2017; LEIRA et al., 2017; AURICCHIO, 1999).

Somente no século XX, quando se iniciaram as discussões sobre o Bem-estar animal (BEA), os zoológicos passaram a ser considerados “museus vivos” e a apresentar um propósito ecológico. Melhoras estruturais foram realizadas, visando ofertar aos animais um ambiente similar ao seu habitat natural sem, contudo, perder de vista o interesse econômico. O sucesso dos zoológicos alicerçou-se na inerente curiosidade humana, tornando-o atrativo turístico de muitas cidades (FISCHER et al., 2017; TRIBE, 2004). No Brasil, uma das primeiras instituições consideradas como um zoológico foi o Museu Emílio Goeldi, em Belém do Pará, aberto ao público em 1882 e exibindo alguns representantes da floresta amazônica. A partir de 1950, muitos zoológicos foram criados nos grandes centros urbanos e nas cidades do interior, ultrapassando 170 instituições públicas e privadas (SOCIEDADE DE ZOOLOGICOS DO BRASIL, 2001).

Aos poucos, os zoológicos deixaram de ser apenas uma instituição de entretenimento, passando a exercer um papel importante na conservação das espécies, bem como na educação da sociedade. Vale ressaltar que muitas espécies extintas na natureza podem ser encontradas vivendo em cativeiro nos zoológicos (CARDOSO, 2017). Segundo Escobar (2000), as principais funções dos zoológicos são conservar espécies ameaçadas, realizar pesquisas por meio de banco de informações e promover lazer e educação. Entretanto, atualmente os zoológicos ainda se deparam com o desafio da integração na sociedade sobre o aprendizado ecológico das espécies existentes (MARANDINO, 2001).

Segundo Tribe (2004), a existência dos zoológicos se configura como um problema ético contemporâneo, caracterizando-se como uma questão complexa, plural e de interesse

internacional. Nesse sentido, encontra-se a necessidade ética e legal de propiciar condições para que os animais exibam comportamentos naturais e elevem seu grau de BEA.

Assim, este trabalho objetivou levantar as questões éticas e técnicas envolvidas na manutenção de animais cativos no Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota, localizado no município de Varginha/MG, a fim de subsidiar discussões mais amplas sobre BEA.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para a execução deste trabalho, foram avaliadas as condições do Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota, localizado no município de Varginha/MG, sob a responsabilidade da Prefeitura da cidade, quanto ao BEA, por meio de pesquisa de campo associada ao desenvolvimento de um referencial teórico sobre os zoológicos. Para isto, além de visitação técnica realizada em março e abril de 2017, também foi efetuado um levantamento referente às informações dos animais juntamente com a bióloga do local e de informações administrativas com o secretário de turismo da cidade. Também, foram obtidas informações complementares como mesa redonda “Zoológico e seu Papel na Educação Ambiental”, realizada no III Congresso Internacional da Rede ACINNET, ocorrido no Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS/MG) no mesmo período.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota, popularmente conhecido como zoológico municipal de Varginha, situa-se na Rua Petrópolis, 296, Jardim Petrópolis, tendo sido inaugurado no ano de 1966. Teve como seu idealizador Dr. Mário Frota, que já no início dos anos 1960 recebeu a doação de animais selvagens do *Gran Circo Africano*. Foi declarado de utilidade pública em 1967 e, atualmente, é tombado pelo Patrimônio Cultural de Varginha.

Segundo dados administrativos recolhidos, no ano de 2017, o parque recebeu, aproximadamente, 3 mil visitantes ao mês, totalizando cerca de 36 mil visitantes ao ano, o que corresponde 26% da população da cidade. De acordo com Barros (2013), cerca de 10% da população mundial visitam zoológicos anualmente, sendo só no Brasil mais de 20 milhões de pessoas.

O zoológico de Varginha conta com uma área total de 60 mil metros quadrados, abrigando 350 animais de 50 espécies distintas, dentre animais silvestres e exóticos, dividido em 10 setores (Tabela 1).

Tabela 1. Principais espécies de animais presentes no Parque Zoobotânico Dr. Mário Frota por setor, Varginha/MG, 2017.

Setor	Espécie
01	<i>Nasua nasua</i> (quatis) e <i>Ozotoceros bezoarticus</i> (veado).
02	<i>Cavia porcellatus</i> (cobaia), <i>Athene cunilaria</i> (coruja), <i>Struthio camelus</i> (avestruz) e <i>Chelonoidis carbonaria</i> (jabuti).
03	<i>Geranoaetus melanoleucus</i> (águia Chilena), <i>Sarcoramphus papa</i> (urubu rei), pequenos psitacídeos, <i>Gallactis vittata</i> (furão) e <i>Erinaceus europeus</i> (ouriço-cacheiro).
04	<i>Ramphastos toco</i> (tucano), <i>Cariama cristata</i> (seriema) e <i>Phasianus colchicus</i> (faisões).
05	Macacos, <i>Tapirus terrestris</i> (anta), <i>Boa constrictor</i> (jiboia) e <i>Python sp.</i> (pítton).
06	<i>Caracara plancus</i> (gavião carcará), <i>Geranoaetus albicaudatus</i> (gavião de rabo branco) e <i>Buteogallus meridionalis</i> (gavião caboclo), <i>Caiman latirostris</i> (jacaré), <i>Trachemys dorbigni</i> (tartaruga-tigre-d'água), <i>Trachemys scripta elegans</i> (tartaruga de orelha vermelha), <i>Phrynops geoffroanus</i> (cágado de barbicha) <i>Hydromedusa tectifera</i> (cágado pescoço de cobra).
07	<i>Cuniculus paca</i> (paca), <i>Pecari tajacu</i> (cateto) e <i>Procyon lotor</i> (guaxinim).
08	<i>Leopardus pardalis</i> (jaguaririca) e <i>Puma yagouaroundi</i> (gato mourisco).
09	<i>Panthera onca</i> (onça pintada) e <i>Panthera leo</i> (leão).
10	<i>Chrysocyon brachyurus</i> (lobo guará) e <i>Cerdocyon thous</i> (cachorro do mato).

Fonte: Parque Zoobotânico de Varginha/MG, 2017.

O parque conta ainda com setores que não são abertos à visitação, porém de extrema importância. No setor de nutrição, os alimentos destinados aos animais são recebidos e preparados, sendo os principais alimentos componentes da dieta são carne bovina e frango, ração comercial, ovos, verduras e legumes. No setor veterinário, os animais são avaliados e tratados, existindo recintos para acomodar os animais em tratamento e uma área destinada à quarentena, para o isolamento de doentes e recém-chegados ao zoológico (CARDOSO, 2017).

No ano de 2009, o parque teve seu funcionamento paralisado após determinação da Advocacia Geral da União (AGU) e do IBAMA. Neste período, o local abrigava, aproximadamente, 300 animais e apresentou irregularidades na estrutura física destinada aos mesmos. Após reforma e conclusão de uma das etapas, em fevereiro de 2015 foi reaberto à visitação. A Lei Federal 7.173 (BRASIL, 1983) impõe as dimensões dos recintos e instalações, a fim de que atendam aos requisitos mínimos de habitabilidade, sanidade e segurança para cada espécie, e também de forma que assim, possam suprir a demanda do público. As instituições devem apresentar aos animais a melhor adaptação possível para que seja possível o bem-estar em seu habitat (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

Com relação à origem dos animais, a sua grande maioria é fruto de apreensões pelos órgãos públicos, enquanto outros são oriundos de manejo reprodutivo realizado na instituição. Cobaias são criadas para a alimentação de animais que possuem necessidade de presas vivas, visando atender os hábitos dos animais e o BEA. É importante destacar que o uso de animais vivos para a alimentação é natural, obedecendo aos hábitos das espécies e até mesmo estimulando desta forma o comportamento natural predador. Os espécimes da família Psitacidae são oriundos de apreensões efetuadas pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), sendo que, algumas delas, apresentavam lesões decorrentes de fio ou linhas de pipa. Atualmente, existem sete jaguatiricas no local, sendo a mais velha nascida em 1999, vivendo em um recinto juntamente com uma de suas filhas. Em outro recinto, encontra-se uma família completa: macho resgatado em 2015, fêmea nascida na instituição em 2007 e filha nascida em 2016. Já o exemplar mais antigo de gato mourisco, de 2009, é um macho resgatado da natureza. Em 2016, o zoológico recebeu mais dois espécimes levados pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF). A onça-pintada chegou no ano de 2011, vinda da região amazônica onde era mantida em cativeiro no quintal de uma casa.

É comum a crença popular de que os animais presentes em zoológicos são capturados abruptamente e aprisionados, entretanto no zoológico deste estudo tal afirmação é uma inverdade, uma vez que os mesmos são oriundos de abandono ou por algum motivo perderam a capacidade de viver em seu habitat natural. Muitos deles, inclusive, são frutos de abandono e maus tratos, como é o caso dos leões que foram abandonados por um circo em uma jaula e outros foram entregues à própria instituição pelos antigos tutores. A aquisição dos animais está atrelada às normas rígidas de importação ou captura na natureza, não podendo a fauna ser vendida ou trocada sem aval dos órgãos competentes (FISCHER et al., 2017). Segundo Leira et al. (2017), as formas de obtenção de animais em zoológicos incluem permutas com outras instituições, animais ameaçados de extinção resgatados pelo IBAMA, e com reprodução assistida por profissionais habilitados, além do recebimento de animais para reabilitação e pesquisas.

A fim de proporcionar a conservação das espécies da fauna e da flora, o Parque Zoobotânico de Varginha conta com uma equipe multidisciplinar composta por 19 funcionários, dentre eles biólogos, veterinários e tratadores, que se dedicam diariamente de forma a garantir o BEA. Dentre as atividades desenvolvidas estão o manejo reprodutivo de algumas espécies em cativeiro, com o intuito de promoção da manutenção das espécies, e a produção de mudas nativas para reflorestamento. O parque também abriga diversas pesquisas científicas com destaque nas áreas de etologia e enriquecimento ambiental. Dentro das prioridades e obrigações morais e legais dos zoológicos encontra-se a demanda de propiciar condições para que os animais exibam comportamentos naturais e automaticamente elevem seu grau de BEA (TRIBE, 2004). Dentro

deste contexto, algumas estratégias são utilizadas para garantir o BEA de animais de zoológicos, variando desde dietas específicas e exames veterinários constantes até o uso de ferramentas comportamentais, como o treinamento e o enriquecimento ambiental (AZEVEDO; BARÇANTE, 2018; SILVA, 2014; SANDERS; FEIJÓ, 2007).

A instituição conta ainda com um programa de educação ambiental denominado “Educando para a Conservação da Natureza”. Barros (2013) ressalta a importância do trabalho de educação e conscientização em relação ao meio ambiente e animais. Para Pino (2001), as ações educativas do zoológico devem envolver vários componentes tais como o animal, o recinto, sua distribuição, localização, área verde bem como a comunicação visual, de forma a provocar diferentes percepções e reflexões nos visitantes.

De acordo com o que foi possível observar, pode-se dizer que o zoológico se pauta nos princípios das cinco liberdades propostos pela Farm Animal Welfare Council Uk (1993) como livre de fome e sede, livre de desconforto, livre de dor, ferimentos e doenças, livre para expressar o comportamento natural e livre de medo e estresse. Cuidados são tomados com relação à alimentação, sendo balanceadas e adequadas à cada espécie, bem como acesso à água de boa qualidade é garantida. O zoológico prima por preservar ao máximo os instintos dos animais através da ambientação, enriquecimento ambiental e até mesmo da alimentação, como já citado, há a criação de cobaias para o fornecimento aos animais que se alimentam naturalmente de presas vivas. Embora se trate de um local de acesso ao público, há grande preocupação em manter os animais do zoológico livres de medo e estresse, sendo que, para tanto há a presença de instrutores que orientam os visitantes do local. O zoológico conta, ainda, com a presença constante de veterinários e biólogos, a fim de cuidar da saúde dos animais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os zoológicos podem cumprir seu papel na preservação dos animais, desde que atendam as demandas éticas e legais de BEA. A defesa na existência dos zoológicos deve basear-se não somente no lazer, mas como um aspecto social e da preservação da fauna e flora das diversas regiões do país, além de possibilitar pesquisas e conhecimento para a sociedade.

Como desafios os zoológicos enfrentam os problemas estruturais, principalmente por questões financeiras, uma vez que a grande maioria das instituições é pública e dependente de orçamentos compartilhados, entres outras prioridades. O estudo realizado na cidade de Varginha/MG mostra que a instituição se empenha para manter o BEA, além de desenvolver ações educativas e técnico-científicas.

5. REFERÊNCIAS

AURICCHIO, A. L. R. **Potencial da Educação Ambiental nos Zoológicos Brasileiros**. Publicação avulsa do Instituto Pau Brasil de História Natural. São Paulo. 1999.

AZEVEDO, C. S.; BARÇANTE, L. Enriquecimento ambiental em zoológicos brasileiros: em busca do bem-estar animal. **Revista Brasileira de Zoociências**, v. 19, p. 15-34, 2018.

BARROS, Y. L. **Zoos e aquários têm papel importante na conservação**. 2013. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/27224-zoos-e-aquarios-tem-papel-importante-na-conservacao>>. Acesso em: 19 de maio de 2017.

BRASIL. Lei Federal nº 7.173, de 14 de dezembro de 1983. **Dispõe sobre o estabelecimento e funcionamento de jardins zoológicos e dá outras providências. Ministério do meio ambiente, dos recursos hídricos e da Amazônia legal, Instituto Brasileiro do meio ambiente e dos recursos renováveis**. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1980-1988/L7173.htm> Acesso em: 24 de maio de 2017>. Acesso em 23 maio 2017.

BRASIL. Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. **Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências**. Brasília, DF. Disponível em:<<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/104091/lei-de-crimes-ambientais-lei-9605-98>> Acesso em: 24 maio 2017.

CARDOSO, J.; MINA, M. **Zoológico e seu papel na educação ambiental**. In: III Congresso Internacional do Grupo UNIS. Mesa Redonda. Varginha-MG: 18 de maio de 2017.

ESCOBAR, A. **Plano de Educação Ambiental para Zoológicos**. Apostila do Curso de Educação. 2000.

FARM ANIMAL WELFARE COUNCIL. 1993 **Second Report on Priorities for Research and Development in Farm Animal Welfare**. Londres: DEFRA. 1993.

FISCHER, M. L.; PROHNII, S. S.; ARTIGAS, N. A. S.; SILVERIO, R. A. Os Zoológicos sob a perspectiva da bioética ambiental: uma análise a partir do estudo de caso dos felídeos cativos. **Revista Iberoamericana de Bioética**, v. 4, p. 1-17, 2017.

LEIRA, M. H.; REGHIM, L. S.; CUNHA, L. T.; ORTIZ, L. S.; PAIVA, C. O. P.; BOTELHO, H. A.; CIACCI, L. S.; BRAZ, M. S.; DIAS, N. P. D. Bem-estar dos animais nos zoológicos e a bioética ambiental. **Revista PUBVET**, v.11. n.7, p.545-553, 2017.

PINO, Angel. “**O biológico e o cultural nos processos cognitivos**”, em Mortimor, E. F., Smolka, A.L. B. (orgs.). *Linguagem, cultura e cognição: reflexões para o ensino em sala de aula*. Belo Horizonte, Autêntica, p.21-50, 2001.

SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. D. S. **Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TRANSDISCIPLINAR AMBIENTE E DIREITO. 2007.

SHUH, J. “**Teaching yourself to teach with objects**”, em Hooper-Greenhill, E. (ed.). *The educational role of the museum*. London, Routledge. 1999.

SOCIEDADE DE ZOOLOGICOS DO BRASIL. **Anais - XXV Congresso da Sociedade de Zoológicos do Brasil**. Brasília. 2001.

SILVA, A. **A Importância do Enriquecimento Ambiental para o bem-estar dos animais em zoológicos**. Acervo da Iniciação Científica, n. 2, 2014.

TRIBE, A. **Zoo tourism in Wildlife tourism: Impacts, management and planning** (Higginbottom, K Ed.). Common Ground Publishing. 2004.